

Quem e Como são os que Habitam o Outro País Desta Fronteira? Bolivia e Bolivianos sob o Olhar de Alunos do Ensino Fundamental - Corumbá-MS

Who is and How do the Other Country of This Frontier Live?

*Bolivia and Bolivians Under the View of
Students of Fundamental Teaching - Corumbá-MS*

Beatriz Rosália Gomes Xavier Flandoli

Psicóloga, Mestre e Doutora em Educação, Professora Adjunta da UFMS/CPAN no curso de Psicologia e Mestrado em Educação Social. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Cultura, Psicologia, Educação e Trabalho, CPET – UFMS/CNPq. <beatriz.flandoli@ufms.br>

Elizabeth Maria Azevedo Bilange

Licenciada em Letras, Mestre e Doutora em Letras, Professora Adjunta da UFMS/CPAN Coordenadora do Grupo de Pesquisa Linguagens em Fronteira- GPLF - UFMS/CNPq <elizabeth.bilange@ufms.br>

Este trabalho apresenta resultados parciais da pesquisa em andamento intitulada “Um novo olhar sobre a minha cidade”, desenvolvida na UFMS/CPAN pelo Grupo de Estudos e Pesquisas Cultura, Psicologia, Educação e Trabalho (CPET). Esta pesquisa envolve o Grupo de Pesquisa Linguagens em Fronteira - GPLF- Cnpq/ UFMS –CPAN e, em seu segundo ano, é realizada com alunos de sexto ao nono ano do Ensino Fundamental II, da Escola Municipal de Educação Integral Luiz Feitosa Rodrigues, município de Corumbá – MS.¹

¹ Todas as escolas de região, em ambos os países, são consideradas escolas de fronteira.

Trata-se de pesquisa qualitativa busca unir o compromisso ético e político da produção em Educação e Psicologia com as urgências e necessidades da sociedade brasileira e tem por objetivo pesquisar e fomentar o desenvolvimento cognitivo e dos processos psicológicos superiores, por intermédio da produção da escrita criativa promovida com os estudantes.

A investigação “Um novo olhar sobre a minha cidade” considerou a experiência anterior junto ao PEIF, Programa Escolas Interculturais de Fronteira, que em Corumbá aconteceu de 2010 a 2015 e do qual fomos pesquisadoras e tutora, trabalho que nos mostrou que sentidos ou representações sobre a Bolívia e os bolivianos reproduzem significados, nem sempre positivos, coletivamente engendrados no campo da cultura. O contato com professores bolivianos e com seus alunos alertou para diversos aspectos que se disfarçam no cotidiano das escolas.

Para dar cabo desta pesquisa, a investigação fundamenta-se no referencial da psicologia sócio-histórica, que propõe a cultura como conjunto de instrumentos, significados e atividades que se concretiza mediado pelos processos sociais, que criam formas especiais de comportamento e transformam o funcionamento da mente. Argumenta-se aqui que o desenvolvimento da escrita e das funções psicológicas que esta envolve podem representar a possibilidade de superação das condições da realidade a que se encontra submetido o público-alvo, que em maioria, vive abaixo da linha de pobreza.

Corumbá, por fazer fronteira seca com a Bolívia, coloca seus habitantes em contato constante com a população boliviana. Assim, a pesquisa deparou-se com dados que foram analisados no recorte aqui apresentado, dados esses que configuram o desenho social da Bolívia e dos bolivianos nos textos dos alunos do 6º e do 7º ano, instados a escreverem sobre a fronteira e sobre a Bolívia. A análise dos referidos textos ancorou-se na Teoria das Representações Sociais, de Serge Moscovici (1928-2014).

Assim, a pesquisa deparou-se com dados que foram analisados no recorte aqui apresentado, dados esses que configuram o desenho social da Bolívia e dos bolivianos nos textos dos alunos do 6º e do 7º ano, instados a escreverem sobre a fronteira e sobre a Bolívia. A análise dos referidos textos ancorou-se na Teoria das Representações Sociais, de Serge Moscovici (1928-2014).

O PEIF- Programa Escolas Interculturais de Fronteira

Conviver em região fronteiriça não é tão simples, pois ao mesmo tempo em que há uma amabilidade, ocorre uma camuflagem onde se oculta uma superioridade relacionada ao outro. Alves (2008, p.1)

O objetivo principal do PEIF era formação de professores, coordenadores e diretores das escolas de formação básica, da rede pública, desta fronteira Brasil – Bolívia. Encontros semanais com a participação dos educadores de ambos os países iniciaram o entrosamento intercultural, por meio da sensibilização dos participantes quanto à importância da utilização de processos interculturais na educação de fronteira. As sequências do programa foram organizadas para que culminasse nos *cruces*², experiência efetiva realizada nas escolas dos dois países.

Alguns professores bolivianos e brasileiros, antes das ações implantadas pelo PEIF, nunca tiveram oportunidade de discutir questões relacionadas à fronteira, às práticas pedagógicas interculturais por meio de interação e diálogo, as atividades teórico- práticas desenvolvidas nos cursos oferecidos e implementadas nas escolas.

Foram realizados encontros semanais com a participação dos educadores de ambos os países, iniciando a partir daí o entrosamento intercultural, por meio da sensibilização dos participantes quanto à importância da utilização de processos interculturais na educação de fronteira. Nasce aí a necessidade de sensibilizar os estudantes para aspectos culturais de ambos os países.

A realidade fronteiriça nas escolas

Segundo Daniella Bumlai, nesta distante fronteira seca, Corumbá e Bolívia comunicam-se por uma rodovia, a Ramón Gomez, por um canal de rio, o Canal Tamengo, por uma ferrovia, a Noroeste do Brasil e Ferrocarril, e por uma aerovia. Isso mostra quanto os limites físicos são tênues, com barreiras frágeis. passíveis de transposição rápida e fácil. Isto justifica o fato de, em Corumbá, cerca de 800 alunos bolivianos cruzarem a fronteira diariamente para virem

² Atividade em que os professores cruzam a linha de fronteira para atuar e trocar experiências no outro país.

estudar na nossa rede municipal de ensino e alunos brasileiros atravessarem a linha de fronteira para buscar educação na Bolívia. Tecnicamente, politicamente e culturalmente as escolas não estão preparadas para atender essa demanda e sequer definir o papel das escolas e da educação na integração, diminuição das diferenças e preservação das identidades. O espaço escolar, raras vezes, é utilizado para apontar ações que realmente possam integrar e preservar aspectos culturais. De fato, não existe uma ação intercultural constante nestas escolas de fronteira que possa promover a aproximação e diminuição de diferenças reais entre os integrantes deste espaço. (BUMLAI, 2014,pg18-20)

Os dois grupos de pesquisa, - CPET e GPLF- integrados, buscam propor ações efetivas para as demandas encontradas. Consideram que os estudantes bolivianos que estudam em escolas brasileiras vivenciam diversas referências de identidade, como o da língua, que em família falam o castelhano ou o aymaras, quéchua ou guarani, e na escola são obrigados a estudar e falar em português. E vice-versa.

Durante os anos que atuou, o PEIF estudou e pesquisou a interculturalidade como um fator para além do aspecto social, mostrando que a dimensão humana parte do conceito que a interculturalidade se dá pelo simples fato de sermos humanos, pois convivemos com diferentes formas de pensamentos em uma troca constante de experiências vividas por cada um em seu grupo social. A toda escola que participava desse Programa era proposta uma educação diferenciada – ponto a ser atingido por estarmos na fronteira e educarmos na fronteira e para a fronteira. Como houve o rompimento com Programa pelo MEC, e não assumido pela UFMS, como o foi em outras universidades do país, o CPET e o LF iniciaram o trabalho, com enfoque em aspectos que envolvessem principalmente a cultura e a identidade, acrescidos a análise do desenvolvimento das funções superiores por meio da escrita. Por razões de ordem técnica, as pesquisas ainda estão restritas a uma única escola em Corumbá, a já referida Escola Luís Feitosa Rodrigues.

Desenvolvendo a pesquisa

“Um novo olhar sobre a minha cidade” e região

O desenvolvimento das atividades desta pesquisa foi elaborado com vistas a proporcionar experiências ligadas a diversas formas de expressões artís-

ticas e culturais, em observação aos postulados de Vigotski (2009), ao afirmar que, para criar bases para a atividade de criação nas crianças, é necessário ampliar a sua experiência cultural e em relação ao mundo que a circunda. Assim, as atividades envolvem experiências com fotografia, que incluem oficinas de fotografia, caminhadas fotográficas pelos arredores da escola e pelos pontos culminantes da cidade e algumas das suas significativas referências culturais tais como praças e monumentos, o casario do porto de Corumbá e a tradicional e singular festa de São João.

Para tanto, proporcionou-se aos alunos da Escola, o exercício de leitura de imagens e reflexão, tanto das fotos de autoria dos estudantes como de imagens de propagandas, conduzindo-os em direção a uma leitura crítica, como proposto da intenção mercadológica - e de suas nefastas consequências- ao atribuir felicidade, liberdade, força, charme e sucesso a produtos comerciais como sabonetes, refrigerantes, margarinas e automóveis.

Também foram realizadas atividades ligadas à música e literatura, que precisaram ser adaptadas à realidade de cada turma, sempre com o objetivo de sensibilização estética, o que conduziu a resultados inesperados como a gravação de um rap, pelo nono ano, em diálogo com canções do mesmo gênero, disponíveis na Internet.

De forma geral, para provocar a produção de textos, as atividades conduziam experiências e reflexões sobre a cidade, sobre a escola, sobre a rotina, como as crianças usam o tempo, sobre patrimônio cultural material e imaterial, a cidade, o porto, o pantanal. E um olhar mais aprofundado a ser lançado sobre a fronteira e a Bolívia. Sobre as representações sociais presentes nos textos referentes à Bolívia trata este trabalho. Faz-se necessário, em primeiro lugar, explicitar brevemente a compreensão de representações sociais a que se refere no presente artigo.

Moscovici (2015, p.46) explica que as representações sociais são uma maneira de compreender e comunicar o que sabemos. Ocupam uma posição “[...] entre conceitos - que tem como seu objetivo abstrair sentidos do mundo e introduzir nele ordem e percepções que reproduzam o mundo de uma forma significativa”. Lembra também que estamos cercados por palavras, ideias e imagens que penetram nos olhos, ouvidos e mentes e atingem a todos, interferindo em nossa atividade cognitiva sem que sequer tenhamos consciên-

cia disso. Em nossa capacidade cognitiva há sempre, segundo o autor, certa autonomia e certo condicionamento – imposto pelo ambiente, seja natural ou social.

Assim, as representações sociais convencionalizam pessoas, objetos e acontecimentos, dando-lhes uma forma definitiva e localizando-as em determinadas categorias onde gradualmente se transformam em modelos. Argumenta que, mesmo quando uma pessoa ou objeto não se adequa ao modelo, nós o forçamos a assumir determinada forma, de maneira a encaixá-los em uma categoria.

Ilustra que é por meio desse processo de representação social que passamos a afirmar que a terra é redonda, que associamos o comunismo com a cor vermelha, que a inflação diminui o valor do dinheiro. Para o autor,

Nenhuma mente está livre dos efeitos dos condicionamentos anteriores que lhe são impostos por suas representações, linguagem ou cultura. Nós pensamos através de uma linguagem; nós organizamos nossos pensamentos, de acordo com um sistema que está condicionado, tanto por nossas representações, quanto por nossa cultura (MOSCOVICI, 2015, p. 35).

O autor argumenta que ainda que possamos nos tornar conscientes do aspecto convencional da realidade e escaparmos de algumas das exigências impostas socialmente a nossas percepções e pensamentos, não podemos nos libertar de todas as convenções e nem eliminar todos os preconceitos. Defende que estratégia mais eficiente do que negar as convenções e os preconceitos, é isolar as representações que são inerentes às pessoas e objetos que nos cercam e descobrir o que representam exatamente. Enumera entre essas representações as cidades que habitamos, os badulaques que usamos, os transeuntes nas ruas e a natureza pura que buscamos nos campos.

Assim, “Todas as interações humanas, surjam elas entre duas pessoas, ou entre dois grupos, pressupõem representações. Na realidade, é isso que as caracteriza” (MOSCOVICI, 2015, p. 40). O autor considera tarefa principal da psicologia estudar essas representações, suas origens e, especialmente, seu impacto.

A respeito do impacto das representações sociais nesta fronteira específica, nós, tivemos contato com o problema do preconceito durante as atividades realizadas no Programa Escolas Interculturais de Fronteira (PEIF), do qual

eram participantes, em que professores, tanto do lado boliviano, tanto do lado brasileiro da fronteira foram unânimes em afirmar que as crianças bolivianas costumam sofrer *bullying* por parte dos alunos brasileiros, a ponto de negarem a nacionalidade boliviana, o que representa grave problema na formação identitária e na necessária compreensão e valorização da própria cultura por parte destes alunos.

Para Minayo, (2002, p. 108) “[...] as representações sociais se manifestam em palavras, sentimentos e condutas e se institucionalizam, portanto, podem e devem ser analisadas a partir da compreensão das estruturas e dos comportamentos sociais”. Por outro lado, é importante destacar que elas também respondem à condição imanente da base material de produção da consciência. Segundo a autora,

As representações sociais não são necessariamente conscientes; elas [...] perpassam o conjunto da sociedade ou de determinado grupo social, como algo anterior e habitual, que se reproduz a partir das estruturas e das múltiplas categorias de pensamento do coletivo ou dos grupos. (MINAYO, 2002, p. 108) Assim, essas representações constituem-se dos sentidos que os alunos apreendem socialmente. Cabe explicitar que, para a teoria psicológica sócio-histórica, significado e sentido são construções intelectivas abstratas que cumprem o papel de dar visibilidade a uma determinada zona do real. Para Aguiar *et al* (2009), significado e sentido carregam a materialidade e as contradições, condensando aspectos da realidade e dessa forma, destacando-os e revelando-se.

Leontiev (1979) elucida que os significados são sociais e produzidos pela sociedade e têm seu histórico no desenvolvimento da linguagem e no desenvolvimento das formas de consciência social. Para Vigotski (2001), o significado, no campo psicológico é uma generalização, um conceito. Significados são, portanto, produções históricas, sociais e relativamente estáveis.

Por sua vez, para Leontiev (1979), o sentido é pessoal, não significando que represente uma consciência individual, oposta à consciência social (significados), ao contrário, sendo pessoal, o sentido representa a consciência social.

Entende-se, portanto, a partir daqui, que a representação social das crianças sobre os bolivianos, os sentidos por elas atribuídos a ser boliviano, estão impregnados dos significados historicamente elaborados pela coletividade em que estão inseridos.

Assim, pode-se compreender que se constituem sentidos de determinação do grupo social, sentidos apreendidos no coletivo que são baseados nas condições materiais de produção social. No caso da fronteira Brasil Bolívia, embora em muitos textos, a Bolívia seja descrita como lugar de comércio de produtos interessantes e diferentes, a maioria dos textos do 6º ano aponta para diferenças em que o país e os seus habitantes figuram numa escala de aparente inferioridade social e cultural, como se pode ler no texto de E.A., aluno do 6º ano:

[...] as maioria dos boliviano não usa oculos os cabelos, as saias os telefones e os onibus e os apricativo que eles fala Espanhol os computadores que falam as praças que tem jogo de mesa [...] os pães que são todo redondinho [...] as maioria não usa cinto para não deixar cair o chorte [...] (respeitada a escrita original)

Como se pode observar, aqui as palavras do aluno expressam significados e percepções coletivas, e, embora o texto apresente uma observação sobre os computadores cujos aplicativos, “espantosamente”, funcionam em espanhol, e descreva os pães redondinhos, o texto de E.A. ressalta que a população, em sua maioria não usa óculos e nem cinto para segurar o *short*. Uma população caracterizada pelo que não tem ou usa de menos – óculos, cinto. Ou seja, uma população que possui menos, uma “população menos”.

Minayo (2002) lembra-nos que ainda que as representações traduzam um pensamento fragmentário, limitam-se a certos aspectos da experiência, frequentemente contraditória. Essas representações resultam da vivência das contradições que permeiam os grupos sociais e sua expressão costuma marcar o entendimento destes com seus pares.

Também nestes textos, a caracterização do país e dos seus habitantes continua marcada pela diferença: “A diferença é os carros, as comidas a igreja as motos, as placas, dança, os cabelos os brinco hospital as letra placas de transito, as cadeiras, mesas, mochilas nas casas as feiras, as ruas não tem semáforos...” (T.M.R., 6º ano) e pela falta “[...] lá não tem lei de trânsito e também lá ninguém pega cachorro para criar os cachorros ficam doentes na rua”. (T.M.R. 6º ano) (respeitadas as escritas originais).

Do outro lado da fronteira há duas cidades: Puerto Suarez, cidade mais antiga e distante 12 quilômetros da fronteira, também mais estruturada, que apresenta um traçado urbano planejado em torno de sua praça central. Por sua vez, Puerto Quijarro, colada à fronteira, teve desenvolvimento rápido

e desordenado, a partir de uma feira de produtos estrangeiros, inicialmente denominado de “shopping chão”, a partir dos anos 1990, e cujo movimento flutua com as variações do dólar. Quando o dólar está baixo, brasileiros compram na Bolívia, quando alto, bolivianos compram no Brasil, mas via de regra, sempre brasileiros e bolivianos atravessam a linha de fronteira para realizar operações comerciais de consumo.

É provavelmente a Puerto Quijarro- ou Arroyo Concepcion, subdistrito daquele- que os alunos se referem em seus textos, quando dizem que na Bolívia não tem semáforos nem leis de trânsito. E assim, a atribuição de um sentido de menos, menos evoluído, menos civilizado é clara nesses recortes: um lugar sem semáforos, sem lei de trânsito e onde ninguém “pega cachorro para criar, os cachorros ficam doentes na rua”.

Os textos do sexto ano apresentam a informação de que as crianças são educadas, “Capacete e Comidas diferente, roupas, o falar, o Sapato e várias outras coisas. Como La Paz, Porto Quijarro e as casas a Educação é diferente nas escolas [...]” T.M.R.

A caracterização dos alunos bolivianos como educados e que não escrevem nas mesas/carteiras, aparece em vários textos do 6º ano, mas as pesquisadoras presentes no momento em que o texto foi produzido elucidaram que, nesta sala, a professora havia chamado a atenção das crianças que não tomaram banho antes de ir para a escola e afirmou ser na Bolívia, diferente; que os alunos bolivianos são educados, obedientes, e que tomam banho pela manhã, para assistir as aulas. Assim, é compreensível que a reprimenda e a comparação da professora tenha repercutido tão “efusivamente” nos textos dos alunos dessa turma.

Em outro texto, aponta-se que “[...] a diferença na Bolívia e no Brasil é que as lei é diferentes por que lá os motociclista anda sem cabacete e as escola que os alunos são muito educado não tem nada escrito nas mesas” (K. S.). Outro aluno assim descreve:

Aqui em Corumbá todo mundo anda mas moderno comida diferente as roupa os brinco e outra coisas que em corunbá é muito bonito e tanben tem o transito são deferentes as linguagem espanhola as feira as casas os carros as moto as placas sem semaforo uma escola que tem muitas pessoas educada. (Y.G.). (respeitada a escrita original)

O comércio – de roupas e brinquedos parece ser a maior marca do país vizinho e dos seus habitantes para os alunos do 6º ano:

A Bolívia é um lugar muito Bonito e um que vende um monte de roupa e aqui vende muitas coisa pra vc compra pra seu filhos e tem brinquedos e mais coisa para vender ai nos poderemos i ate a Bolívia porque la é um lugar que vende um [monte] de coisa”. (S.A.)

Outro aluno destaca o comércio e os produtos importados – jogos e brinquedos: “A Bolívia é um lugar tão bonito e vende um monte de roupas, mas o mais legal é ir ao shopping China lá é muito divertido e tem outros lugares, como jogos”. (L.F.)

Em dois dos textos dessa série há referencias negativas à comida boliviana. Em um deles, o aluno (W. F.) diz que “a comida deles fede” o outro diz que a comida é ruim: “[...] o que me chamava a atenção era os grandes cemitérios com uma cor bem aparecendo era muito colorida as flores e as danças eram muito legal mas as comidas eram muito ruim ninguém da minha família gostava [...]” (V.F.P. 6º ano).

O outro, que provavelmente teve a oportunidade de visitar cidades além da fronteira, apresenta sentidos internalizados em sua viagem ao país vizinho: “Passei 2 semana na Bolívia e adorei a recepção dos hotéis visitei hotéis e condomínios, eles são educados e dão informação dão Bondia Boa Tarde Boa noite e quando agente sai eles falam se gostamos, dão café da manhã de grasa [...]” (J.D.P.S.).

Embora na maioria dos textos se possa verificar que a Bolívia percebida é a da primeira cidade do outro lado da linha fronteira, alguns deles relatam experiências ou expectativas de viagem a outras localidades do território boliviano e nestes textos, como é de se esperar, outra Bolívia é descrita:

Eu gostaria de ir há montanha de Lá Paz e ir no zoologico da Bolivia e conhecer a minha tia argentina que está em Lá Paz. E queria conhecer umas das maiores estilista bolivianas e saber a moda por la, de esta em um grande lugar cheio de cultura deferentes e novas também. Quando eu chega no aéroportro de Lá Paz a primeira coisa vou ir a maior montanha (M.N.P., 6º ano)

O texto da aluna, que nunca teve oportunidade de conhecer o país vizinho situado a menos de dez quilômetros do centro de Corumbá, afirma

pretender levar a sua mãe lá, quando crescer, o país também está associado ao seu comércio de roupas:

A bolívia é um lugar muito bonito, um lugar que não tem trânsito, eu nunca fui lá mais eu queria as escolas de lá é muito é muito respeitosa, eles são muitos quietos muitos educados. A primeira coisa que eu ia fazer quando chegar lá é comprar roupa, a roupa de lá é muito linda eu me encanto muito, cada coisa que tem lá, um dia eu vou visitar a bolívia, lá também tem Shopping, quando eu crescer eu vou levar a minha mãe pra comer lá, a bolívia é muito legal e muito bonita". (M.S.N.)

Como alerta Moscovici, as razões, a elaboração das representações sociais não costumam estar presentes de forma consciente, assim, os alunos não expressam claramente sentimentos de preconceito contra os bolivianos, mas a sua representação social está carregada de ideias claramente pré-concebidas a respeito dos habitantes do país vizinho, ou seja, concepções presentes no seu grupo social e que estão de acordo com as concepções impostas pelo sistema de produção de capital, de que nos países vizinhos, a população do que tem mais recurso, mais riqueza, ocuparia uma posição de superioridade em relação à outra.

Para Minayo (2002, p. 109), as representações sociais "[...] devem ser analisadas criticamente, uma vez que correspondem às situações reais de vida." A autora alerta que elas são ilusórias, contraditórias e verdadeiras, razão pela qual podem ser consideradas matérias-primas não somente para a análise do social, como também para a ação pedagógico-política de transformação, posto que retratam a sociedade segundo cada segmento social. Assim, pela compreensão dialética da realidade, a compreensão dos textos exige a compreensão das relações sociais por eles expressada e os conflitos e interesses de classe dos quais são portadores.

Nos textos do sétimo ano, surge algum sentido de integração entre brasileiros e bolivianos, referindo-se inclusive, ao tratar da Bolívia, a pessoas de outras nacionalidades que vivem em Corumbá, como por exemplo, os árabes. "Vivem todos juntos, bolivianos e árabes que chegaram aqui em 1943, fugindo da guerra..." (N. S. 7º ano). Como vemos, não há neste texto o sentimento de falta, mas a referência a outra nacionalidade que convive na cidade.

Também nos textos do sétimo ano, há mais referências ao espaço de fronteira em si:

Para chegar na fronteira tem que ir de ônibus ou de carro, e lá na fronteira vendem roupas, brinquedos etc, e também tem bolivianos que vem aqui em corumbá também para vender na rua ou na feira que tem todo domingo e até que pegam o costume da Bolívia e também a *saltenha* e a bebida *chicha* que é uma bebida e até que tem festas bolivianas aqui e lá aqui no Brasil e quase tudo misturado índio, Branco, Boliviano, etc...”³ (N. L.)

Como se vê, nos textos dos alunos do sétimo ano, a diferença se apresenta com características de diversidade e tem o sentido mais ligado à interação entre brasileiros e bolivianos:

A bolivia tem algumas comidas de la que que a gente come aqui como *chicha* as danças culturais que eles fazem la eles tem muitas barracas de venda que eles vendem roupa, perfume, brinquedos, sapatos eles também tem o carros boliviano e o que nos temos carnaval la também tem eu também tenho uns quatro amigos bolivianos”. (C.P)

A mesma representação de interação cultural se faz presente no texto de A. D.: “Bolívia e Brasil são dois países com grandes diferentes. O comércio por exemplo Bolívia tem uma grande renda comercial. Comida tem alimentos que não possuíamos. Mas algumas coisas da cultura deles utilizamos”.

J. P., também do 7º ano justifica a fala diferente explicando que a língua é outra e os considera alegres: “Na Bolívia eles falam diferente da gente porque eles falam em espanhol e as comidas deles eram diferente da nossa e eles são muito alegres”.

³ Saltenha - nas obras de Antônio Paredes Candia (historiador e escritor), é possível ler que, no início do século XX, a senhora Juana Manuela Gorriti, que mais tarde se tornaria esposa do presidente Manuel Isidoro Belzu, nascida na cidade argentina de Salta, teve de fugir para o exílio com a sua família, durante a ditadura de Juan Manuel de Rosas. Deixou todos os seus bens para trás e instalou-se em Tarija, na Bolívia. Durante muitos anos, a família Gorriti foi marcada por uma pobreza extrema. O desespero levou a família a começar a preparar uns pastéis que designava como “empanadas caldosas”, que eram típicas de algumas cidades europeias, na época. A venda destes pastéis tornou-os muito popular, ao mesmo tempo em que Manuela foi apelidada de “a saltenha”, devido à sua cidade de origem. Os pastéis foram lentamente ganhando popularidade em Tarija, tendo acabado por se converter numa tradição. Paredes Candia menciona que era comum dizerem às crianças: “vai buscar uma empanada da saltenha”. Com o passar do tempo, o nome de Manuela Gorriti foi esquecido, mas não a alcunha, razão pela qual a iguaria continua a ter o nome de saltenha. Hoje em dia, é possível encontrar este produto num grande número de locais de venda em toda a Bolívia. A sua aceitação tem sido tão boa que chegou mesmo ao mercado internacional. É um tipo de pastel assado originário da Bolívia, onde se consome principalmente pela manhã, sendo vendida e consumida em praças e ruas. E *chicha* é um tipo de suco à base de milho ou amendoim.

Como se pode observar, os textos do sétimo ano apresentam em menor grau a representação da diferença como falta e trazem o sentido de integração, de assimilação de comidas – isto é, da cultura – do país vizinho.

Entretanto, surge a representação da diferença como etnia, ainda que de forma muito rudimentarmente elaborada:

na bolivia tem muitas coisas diferentes de vestir e da aparencias deles os cabelos das mulheres São com Tranças e lizos e elas uzão Saias com bolsos para vender as coisa e os homens da bolivia São muitos parecido com outros bolivianos (M.R., 7º ano).

Em seu texto, M.R. aponta para diferenças como cabelos das mulheres lisos e com tranças e para os homens que se parecem com os outros bolivianos, provavelmente referindo-se a características étnicas. Curiosamente, o sentido de venda de produtos que está presente na quase totalidade dos textos dos alunos das duas séries que escreveram sobre a Bolívia, aparece aqui até nos indivíduos: “as mulheres usam saias com bolsos para vender as coisas [...]”.

Assim, os textos do sétimo ano apresentam-se como de autores mais observadores de diferenças culturais como soma de saberes, de costumes e está presente neles a compreensão de que a diversidade cultural tem sentido enriquecedor. Isso pode ser consequência da formação das duas professoras pelo PEIF, mais sensibilizadas e coesas com a região de fronteira em que atuam. Vejamos:

Na Bolívia tem muitas coisas tem roupas, calçados, a dança deles é bem diferentes do que a nossa dança, as musicas delá é bem diferentes, é muito lindo, as roupas deles é bem legal, o shoppign, China delá é incrível tem muitas coisas tem relógios, champanhas, comidas e perfumes e Brinquedos. (M.S., 7º ano).

A alusão a diferença nas danças aparece em mais de um texto, e como já dissemos, a citação ao comércio é predominante na totalidade dos textos. Há textos em que a diferença, embora apareça, não manifesta-se como marca principal, como se vê em K. B. “[...] a Bolívia é um lugar difença e muito Bonito, bem cuida e com cidades encartadoras com as danças, musicas, a comida, com museus, praças, pontes, rios, portos, as escola e etc.”

Reconhece-se aqui que muito do que os alunos escreveram surgiu de informações trocadas na hora da elaboração do texto, tais como a questão de

os alunos do sexto ano escreverem que as crianças das escolas bolivianas são educadas, tomam banho antes da aula, não respondem e não riscam as mesas.

Observa-se a percepção da diferença como diversidade, mas fundamentalmente, os textos são marcantes pela noção da diferença, imprimindo ao brasileiro certa superioridade cultural sobre o boliviano, fato que, a nosso entender deve ser observado nas nossas escolas de fronteira pois, segundo Torres Santomé (2011, p. 213), os estabelecimentos de ensino “são um elemento a mais na produção e reprodução de discursos discriminatórios”, por isso o olhar diferenciado e atento sobre tais representações nesse ambiente é premente e necessário.

À guisa de considerações finais

Considerando a riqueza cultural da vida em região de fronteira, entende-se aqui a necessidade de articular conhecimentos e fomentar estudos para as escolas fronteiriças. Torna-se necessário pensar disciplinas da base comum – português, principalmente redação, espanhol, ciências, artes entre outras – inclui-se aqui todos os aspectos culturais-, para que se construa uma base apropriadamente diversificada para essas escolas, cujas disciplinas, quase sempre fragmentadas, deixam de significar para o aluno e, portanto, descartam-se quase imediatamente do conhecimento do aluno.

Desta forma, as identidades culturais devem ser desenvolvidas e direcionadas para um melhor entendimento entre os indivíduos que fazem parte desse ambiente escolar de fronteira. Cada povo se educa a partir de uma cultura construída, que se transforma e acrescenta conhecimento e saberes a partir de conhecimentos universais. O docente tem papel importante nesse processo de interculturalidade. É nas escolas de fronteira que se encontra espaço para uma proposta de currículo diferenciada e conseqüentemente um processo de aprendizagem diferenciado e único.

Podemos, neste momento, apenas considerar alguns fatores: esclarece-se aqui que após a verificação dessas representações presentes nos textos dos alunos, programou-se rodas de conversa para promover a reflexão sobre a diversidade cultural proporcionada pela vivência em região de fronteira e, acima de tudo, sobre o sentido e o respeito a identidade nacional que constitui tanto

os brasileiros, quanto os bolivianos. Este trabalho também demonstrou o quanto ainda há por se fazer nas escolas de Corumbá para diminuir o preconceito e rejeição que surgem quando se trata de Bolívia e de bolivianos e promover o respeito à alteridade.

Para encerrarmos este trabalho, deixamos parte de um texto sobre fronteira de Antonio Miranda.⁴

Que divide um país de outro?
Uma bandeira? Uma língua,
Uma constituição?
Uma intenção demarcadora
um preceito ou um preconceito?
Uma cerca, um muro circunstante?

Ideologias? Etnias? Religiões
ou interesses tribais? Que mais?
Sentimentos telúricos, ancestrais?
Valores transnacionais
em que pátria residem?

Resumo: Apresentam-se aqui resultados parciais da investigação “Um novo olhar sobre a minha cidade”, realizado com estudantes do sexto para o nono ano do Ensino Fundamental II, da Escola Municipal de Educação Integral Luiz Feitosa Rodrigues, com localização central em Corumbá - MS, Brasil. Estes resultados são provenientes de pesquisas qualitativas no campo da educação e da psicologia feita por pesquisadores comprometidos ética e politicamente com as necessidades urgentes e desafiadoras da sociedade que integra os lados brasileiro e boliviano dessa fronteira, com objetivo de estudar o aspecto cognitivo e funções superiores, por intermédio da produção da escrita criativa desses alunos. Esses, instados a lançar o olhar sobre o lado boliviano, tiveram os textos analisados para procurar representações, sentidos ou pensamentos sobre a Bolívia, povo boliviano e sua cultura, demonstrando significados engendrados no meio social e que emergem a partir do ponto de vista desses estudantes sobre os que habitam o outro lado da fronteira.

Palavras- Chaves: Educação; Psicologia; Escrita; Funções Superiores, Escolas de Fronteira Brasil-Bolívia

Abstract: This article presents partial results of the survey “A new look at my city”, held with students from sixth to ninth grade of Elementary School II Luiz Feitosa Rodrigues, in a centrally located School of Corumbá - MS, Brazil. The results come from a qualitative research in the field of

⁴ Disponível em www.antoniomiranda.com.br

education and psychology made by researchers committed ethically and politically with the urgent needs and challenges of society that stands between Brazil and Bolivia. In order to achieve cognitive development and higher psychological processes, through the creative writing's production, the students were requested to launch their look on the Bolivian countryside of this frontier. The production was analyzed to look for representations, senses or thoughts about Bolivia and Bolivian people and what is reproduced demonstrating psychological meanings, not always positive, but that collectively emerges from the perception of the student's cultural point- of- view.

Words- keys: Education; Psychology; writing; higher functions, Bolivia-Brazil's school frontier

Referências

AGUIAR, W. M. J. et all. Reflexões sobre sentido e significado. In BOCK, A.M.B.; GONÇALVES, M.G.M. **A dimensão subjetiva da realidade:** uma leitura sócio-histórica. São Paulo: Cortez, 2009.

ALVES, Elizabeth de Lima Pinto. O Professor na Fronteira: Desafios e Possibilidades. **Anais do Iº Seminário Internacional sobre Estudos Fronteiriços.** Corumbá/MS. UFMS/CPAN, 2008.

BUMLAI, Danielle Urt Mansur. **Ações interculturais nas Escolas de Fronteira: Integração e Preservação da Identidade.** Dissertação de Mestrado: MEF, Corumbá, UFMS 2014.

LEONTIEV, A. N. **O desenvolvimento do psiquismo.** Lisboa: Horizonte Universitário: 1978.

MINAYO, M.C.S. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUA-RESCHI, P.; JOVCHELOOVITCH, S. (Orgs.) **Textos em representações sociais.** Petrópolis: Vozes, 2002.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais:** Investigações em psicologia social. Traduzido do Inglês por Pedrinho A. Guareschi. 11ª ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

TORRES SANTOMÉ, J. **La Justicia curricular: el caballo de Troya de la cultura escolar.** Madrid: Ediciones Morata, 311 p., 201

Recebido em julho 2016

Aprovado em setembro 2016